

Formando para Criar: Agência Livre Colaborativa de Notícias

Daniel Pires¹³, Sarah Costa Schmidt¹³, Robson Bomfim Sampaio²³, Tel Amiel²³

¹Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

²Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

³Coletivo Revoada
Campinas – SP – Brasil

Resumo. Neste artigo apresentamos a construção de uma agência de notícias baseadas no princípio da construção colaborativa. Apresentamos o trabalho de formação realizado com 60 jovens e seus resultados. Discutimos paralelos entre noções de um “novo” jornalismo e a ética do software livre.

Abstract. In this article we present the process of creating a collaborative news agency based the principles of collaborative activity. We present the work done with 60 youngsters and the results achieved so far. We discuss parallels between notions of a “new journalism” and the ethics of free and open software.

1. Porque uma Agência Livre?

O projeto da Agência Livre Colaborativa de Notícias (Alivre) foi criado com o objetivo de construir um espaço para experimentação com um novo formato de jornalismo colaborativo direcionado por um grupo de jovens. Tem como base o uso do software livre em todo processo de formação dos participantes, na disseminação de conteúdo na web bem como no processo de edição e na produção de mídias.

A agência parte de uma perspectiva de construir um espaço coletivo – em formação permanente – com formato de gestão e pensamento embasado na cultura do compartilhamento, da generosidade intelectual, da inteligência coletiva, aberta e livre (no sentido de liberdade de expressão). Busca, politicamente, a defesa da informação e a comunicação pública e da legítima participação dos seus atores/sujeitos, partindo dos contextos das comunidades que habitam e da valorização de suas histórias.

O projeto se baseia primeiramente em uma rota alternativa para a produção do trabalho jornalístico. Seguimos o movimento do jornalismo participativo, colaborativo ou jornalismo cidadão, que coexiste com as tradicionais formas do jornalismo impresso, de rádio e de televisão. O crescimento de plataformas de comunicação baseadas na Internet potencializou o nascimento de novos e múltiplos canais para a disseminação de conteúdo. Como exemplo a popularização e criminalização de rádio comunitárias exemplifica o poder da participação local no universo das mídias tradicionais (Bahia, 2010). Com o crescimento da web como plataforma de disseminação de conteúdo e interação, a rádio comunitária foi reconfigurada, porém não substituída pela rádio web. Isso se deu particularmente com a disponibilidade de software livre para esse fim (Pretto, 2010). Esse processo de remediação, ou convivência das mídias cria um

interessante laço entre os canais tradicionais de comunicação como o jornal (impresso ou digital) e o jornalismo participativo (essencialmente digital; veja Deuze, 2006).

Em segundo lugar, o projeto se constitui como formação. Não se trata somente de fomentar a utilização de equipamentos para obter um domínio instrumental no uso de software ou hardware (câmeras, edição de vídeo), nem mesmo o domínio de uma técnica específica. Para além desses objetivos, minoritários, buscamos aprofundar o conhecimento dos jovens sobre a mídia *qua* mídia. Como apontam Melo e colegas (2007), trata-se, simplificada, de um processo de deslumbramento, seguido de deslocamento (do papel de espectador/usuário) para finalmente atingir a apropriação do meio: "...toma a linguagem audiovisual para si e torna-se capaz de expressar-se conscientemente por ela" (p. 76).

O uso do software livre é parte essencial da formação. A "nova mídia" é, essencialmente constituída pela sua manipulação computacional, ou pelo software (Manovich, 2001). Menos poderosa seria a apropriação das mídias sem qualquer apropriação da linguagem que a constitui. O uso do software livre faz com que exista ao menos o potencial de um entendimento das ferramentas que fazem, disseminam e constituem as mídias. Neste caso não são investigadas na base de "código". Mas o uso do software livre demonstra um comprometimento em contribuir com a transparência no lidar com as mídias ("dados", afinal) partindo de uma lógica e de uma ética livre. Faz-se uma relação clara entre o uso de software livre e licenças livres para os conteúdos com o software livre o trabalho colaborativo e participativo:

"Cabe ao jornalismo fazer uso da tecnologia também para esse fim, oferecendo aos leitores a possibilidade de adotarem não somente uma posição passiva de consumidores de informações. Fazer isso é ainda, intrinsecamente, aumentar a transparência da atividade jornalística, permitindo a checagem das informações coletadas e das interpretações feitas." (Evangelista e Soares, 2007).

2. Oficinas de Formação

O material da oficina de introdução ao jornalismo surgiu com a intenção de oferecer uma oficina, e foi elaborado por um grupo formado por três jornalistas e dois historiadores – Sarah Costa Schmidt, Meghie Rodrigues, Giselle Soares, Daniel Pires e Renato Salgado. Buscamos equilibrar o curso entre os aspectos práticos (técnicos) do jornalismo, situar o aluno nos debates mais atuais e trazer da história técnicas de investigação e interrogação de documentos. Para isso nos baseamos nas obras de introdução e conceituação do jornalismo (Rudin, 2008; Folha de São Paulo, 2010; Kunczik, 1997; Melo, 1994) e história (Bloch, 2002).

Foram duas edições da oficina. A primeira, piloto, contou com nove participantes, porém apenas um concluiu a atividade final e publicou material próprio (<http://zazu.li/2013/10/26/temos-quer-usar-a-inclusao-digital-para-mudar-o-mundo-afirma-coordenadora-do-cdi-campinas>). Meses depois Sarah e Daniel reelaboraram o material à luz da experiência anterior em um projeto mais robusto. Foi realizada, através do Coletivo Revoada, uma parceria com o projeto Juventude Conectada (Prefeitura Municipal de Campinas; www.campinas.sp.gov.br/governo/cidadania-assistencia-e-inclusao-social/juventude-conectada.php), o qual oferece bolsas para jovens participarem de programa de aprendizado e inclusão digital. As oficinas foram realizadas no espaço do CIS Guanabara (www.cisguanabara.unicamp.br). Nesta parceria o Coletivo Revoada ofereceu a oficina de jornalismo (incluindo os oficineiros e o

material didático); o projeto Juventude Conectada remanejou os jovens do projeto para o curso, oferecendo passe de ônibus para o deslocamento, impressões de material e alimentação nos intervalos; e o CIS-Guanabara cedeu o espaço, computadores para uso dos participantes e outros equipamentos.

Já no processo de sensibilização com os jovens, fizemos um debate sobre o software livre. Nos beneficiamos das experiências de alguns jovens com Gnu/Linux, já presentes nos telecentros do programa Juventude Conectada. Para outros jovens, foi um primeiro contato com o universo do software livre.

Diferente da primeira edição da oficina, que pretendia apenas introduzir um público variado na escrita jornalística, a segunda almejava a criação de um agência de notícias independente, com a permanência dos jovens no projeto e sua formação não apenas no jornalismo, mas torná-los também formadores de novos jornalistas, capazes de replicar o curso a sua maneira, a fim de aumentar o corpo editorial do que viria a ser a Agência Livre ou mesmo dar origem a outros núcleos de produções jornalísticas, em moldes semelhantes.

Ao elaborarmos o material para os encontros, procurou-se abordar conceitos da área jornalística para que, em primeiro lugar, esses jovens pudessem compreender o processo que existe por trás da elaboração de um noticiário, seja impresso, online, no rádio ou na televisão. A ideia é que esses jovens compreendessem como uma peça jornalística é construída para que eles pudessem analisar e perceber as relações complexas que envolvem o processo. Esses dados permitiram que eles refletissem, por exemplo, sobre as fontes utilizadas nas reportagens: por quê aquelas pessoas eram ouvidas e outras não? Procuramos trazer questões sobre o próprio ritmo dinâmico do jornalismo e sua hierarquização, como também as relações de poder e posições editoriais. Todo esse panorama lhes foi apresentado para que tivessem uma percepção da própria função do jornalismo, suas delimitações e possibilidades de apropriação.

Ao apresentarmos conceitos e modus operandi dos processos jornalísticos, buscamos dar-lhes ferramentas técnicas e reflexivas para que percebessem que eles também poderiam dar duas contribuições. Tendo em mente que a apuração de informações é um dos princípios-base do jornalismo, apresentamos aos jovens as ferramentas digitais que lhes permitem criar, redigir e publicar notícias.

Para isso o material didático que elaboramos deveria, além de expor e técnicas e debates acerca do jornalismo, estimular o questionamento dos alunos quanto ao próprio conteúdo que lhes era apresentado, buscando entender o papel do jornalismo no cenário atual, e “hackeá-lo”. Procuramos mostrar os processos por trás da elaboração de uma peça jornalística. Com textos curtos e não apenas descritivos redigimos um material didático que apresenta temas amplos, a fim de estimular o debate que guiaria a construção das ideias sobre as quais o jornalismo da Agência Livre se debruçaria. Foram ao todo oito encontros presenciais com o grupo de 50 jovens. O grupo inteiro participou apenas dos primeiros quatro encontros.

Depois desse período foi necessário o a redução do grupo para que pudesse ser constituído o trabalho da Agência, contando com 11 jovens com mais seis encontros presenciais. Havia o objetivo de em curto prazo, inaugurar um site para o projeto, para disseminação de matérias criadas e redigidas pelos jovens com apoio da equipe do projeto. As matérias foram divulgadas abertamente no site da Agência, inaugurado no final de 2014 (<http://alivre.net.br>).

2.1. A Estrutura da Formação

Apresentamos abaixo o roteiro de formação utilizado com os jovens.

2.2. O que é Jornalismo?

- a. Leitura e debate dos textos *O sentido do jornalismo*, *Quem faz jornalismo* e *Ao que serve o Jornalismo*.
- b. Conversa sobre onde o jornalismo pode ser observado na vida dos jovens (onde eles leem, ouvem ou assistem) e como este jornalismo afeta suas vidas (escolhas de lazer, de estudos, política ou mesmo de carreira profissional).
- c. Este primeiro encontro permitiu os jovens situarem-se no curso, entender do que se tratava e refletirem sobre seu interesse no tema.

2.3. Jornalismo 101

- a. Entrega do texto *Gêneros e elementos do jornalismo*, para ser usado de apoio na apresentação do primeiro gênero que trabalhamos, o jornalismo informativo e o texto noticioso.
- b. A partir de exemplos publicados na mídia na semana do encontro, retirados de jornais impressos, revistas, portais de notícias e telejornal (uma notícia de cada tipo de veículo, apresentadas num projetor) expomos o papel deste jornalismo informativo, o modo como este texto geralmente é estruturado e o conceito de lide (geralmente, o primeiro parágrafo de uma notícia, no qual procura-se situar o leitor com as principais informações do fato. Tenta responder às perguntas clássicas: o quê, quem, como, quando, onde, por quê).
- c. Atividade com os jovens divididos em três grupos, para assistirem cenas selecionadas do seriado *Arquivo X*, as quais deveriam reportar na forma de uma notícia, empregando algumas das técnicas de um texto noticioso, a ser entregue aosicineiros ao fim do encontro.

2.4. Jornalismo e Opinião

- a. Convidamos alguns jovens para apresentar o textos produzidos no encontro anterior para serem comentados pelo grupo e depois também comentamos pontos técnicos e melhorias que poderiam ser feitas. Este exercício mostrou-se muito interessante e com base nele pudemos mostrar aos jovens a importância da apuração ao se desenvolver um texto jornalístico: se não tiver certeza de uma informação, não a publique; não é possível se basear em deduções.
- b. Releitura e debate do texto *Gêneros e elementos do jornalismo*, para discutir o gênero jornalismo opinativo.
- c. A partir de dois exemplos publicados na mídia na semana do encontro, referentes a assuntos de grande projeção e de posicionamentos opostos, discutimos as inúmeras possibilidades de abordar determinado assunto, os diversos ângulos possíveis, assim como a responsabilidade do jornalista quanto à transparência das informações e como funciona o processo de apuração.
- d. Para o próximo encontro os jovens deveriam trazer materiais jornalísticos diversos.

2.5. Outros jornalismo e fontes

- a. A partir do material trazido pelos jovens discutimos outros gêneros jornalístico, que se enquadram nas duas grandes divisões realizadas anteriormente, mas que possuíam suas especificidades como jornalismo literário, cultural, ativista, político etc.
- b. Leitura e debate do texto *Jornalismo imediato*, a partir do qual foi feita reflexão acerca do jornalismo na atualidade, seu papel e novas possibilidades.

- c. Leitura e debate do texto *Fontes jornalísticas*.
- d. Apresentamos a proposta de criar uma agência independente de notícias, levantamos quais eram os interessados (20 alunos, no total) e pedimos que para o próximo encontro pensassem em temas que gostariam de realizar cobertura, para serem publicados ao fim das oficinas.

2.6. Pauta e Entrevista

- a. Leitura e debate do texto *Pauta: Jornalismo sobre o que?*, e a partir disso realizamos uma reunião de pauta, onde os jovens apresentaram os temas que tinha interesse em cobrir e realizaram um recorte, para direcionar seu trabalho. Levantamos em grupo as possíveis fontes com as quais eles poderiam trabalhar, para que trouxessem o material obtido no próximo encontro.
- b. Leitura e debate do texto *Entrevistando*, após o qual pedimos para os alunos dividirem-se em duplas, fazerem uma breve apresentação de si, fazer uma entrevista e por fim elaborar um perfil do colega.
- c. Apresentação do que é Copyright, suas implicações na produção jornalística e cultural e apresentação de outras formas de licenciamento de conteúdo, como Copyleft.

2.7. 6. Jornalismo e tempos digitais

- a. Leitura e debate dos textos *Microjornalismo e Redações: novas formas de se organizar*. Apresentamos exemplos de microjornalismo, afim de situá-los e mostrar como o acesso a meios de produção, publicação e distribuição de informação, com a internet, se tornou mais fácil e este alcance não depende tanto de orçamentos elevados.
- b. Apresentamos possibilidades de criação de redação digitais, com o uso de fóruns, grupos de emails, redes sociais e editores de texto online.
- c. Apresentamos modelos de financiamento alternativo, com ênfase em práticas de financiamento coletivo, seja único (como o caso do Reportagem Pública - <https://www.catarse.me/pt/reportagempublica>), sejam recorrente (como no caso do Outros 500 - <http://www.outraspalavras.net/outrosquinientos/projects/outros-quinientos>)
- d. Realizamos uma primeira análise do material trazido pelos jovens, do qual grande parte precisou ser revisto e novas fontes foram levantadas. Fizemos uma reunião de pauta na qual eles foram avisados do prazo final (*deadline*) para que os textos estivessem prontos, que seria alguns dias antes da inauguração da agência; as reuniões foram momentos de experiência relevante e de trabalho coletivo, nas quais os jovens expuseram suas ideias sobre o que gostariam de relatar, e os colegas ajudaram com indicações de fontes, dados e informações; a interação entre eles permitiu que as pautas fossem melhor desenvolvidas.

2.8. Construindo a notícia

Os jovens participantes da agência retornaram para a continuidade do desenvolvimento das pautas apresentadas. Ao longo do processo, surgiram algumas dificuldades inerentes ao próprio jornalismo, como a recusa de algumas fontes para conceder entrevistas; dados negados ou incompletos transmitidos por alguns órgãos e instituições. Todas essas ocorrências se mostraram partes importantes para a formação dos jovens, nas quais, com a orientação dos oficinairos, conseguiram construir seus relatos e encontraram meios de apurar os dados, procurar outras fontes e adaptar as pautas.

Em seguida, os jovens passaram a elaborar o texto (optamos por produzir apenas textos e fotografias num primeiro momento), selecionaram as fotos e observaram as lacunas existentes (fotografias que poderiam ser realizadas e informações que ainda

deveriam ser apuradas), que deveriam ser levantadas até o próximo encontro.

2.9. Edição e publicação

Os materiais passaram por uma última edição, feitas pelos próprios jovens com o auxílio dos oficinairos, para serem publicados na inauguração da agência. Trabalhamos com duas turmas, uma no período da manhã e outra no período da tarde, porém devido à uma equipe e horário reduzidos, optamos pelo horário da tarde para a realização dos encontros da agência. No dia 14 de novembro de 2014 realizamos a inauguração da Agência, com a presença virtual da agência de conteúdo jovem (<http://enoisconteudo.com.br>)

Desde o princípio do projeto era desejado que o material fosse produzido sob *copyleft* (CC-BY-SA) para que o conteúdo não apenas fosse replicado, mas como forma de se posicionar diante de um jornalismo que se pretende como serviço público, em consonância com a ideia de construção de uma domínio público livre e propício ao debate. Desta mesma maneira o material didático que foi produzido também encontra-se licenciado sob *copyleft* buscando a replicação do conteúdo e da experiência.

3. Formação para Cultura Digital

ALivre vem incorporando como método e concepção à prática do ciberativismo, do midialivrisimo, e do uso do software livre. As várias narrativas já construídas pelos jovens participantes apontam para uma ressignificação de seu papel: um interesse em também ser sujeito produtor e não somente consumidores e replicadores de conteúdo.

O uso do software livre na agência se dá na produção de conteúdo, na pesquisa, na edição de imagem, texto, áudio e vídeo. O espaço que utilizamos para formação e construção das matérias conta com em máquinas com Gnu/Linux (Ubuntu) com acesso à internet. Nas oficinas de jornalismo os jovens fizeram uso do LibreOffice. Para a construção do site da Agência, editaram suas histórias em Wordpress. Com isso buscamos demonstrar que todo o ecossistema de produção e disseminação do trabalho jornalístico poderia acontecer com pleno uso de software livre.

As oficinas de diagramação e editoração do jornal foram feitas em Scribus, conduzidas por representantes do Coletivo Moinho/VaiJoão (midialivrisimo). Ao invés de transferir o conteúdo já pronto para o formato do jornal impresso, realizamos durante um mês e meio formações com os próprios jovens, que se apropriaram da ferramenta para construir mais um produto. O trabalho já está finalizado. Como próximos passos, já elencamos novas oficinas com o objetivo de aprimorar a autonomia dos jovens na produção e edição de conteúdo. Ofereceremos, aos interessamos, oficinas de edição de imagem (Gimp, Inkscape), de produção e edição de vídeo (utilizando Kdenlive), e aprimoramento no uso do site, customização e plugins (Wordpress), bem como noções básicas na questão de autoria e direitos autorais (como licenças *Creative Commons*) e o uso de formatos abertos.

4. Conclusões

Com o projeto da Agência Livre estamos “protipando” um modelo colaborativo de trabalho envolvendo a universidade, ativistas, e o poder público, em torno da formação e o empoderamento de jovens. Mais do que um projeto, trata-se de uma experimentação colaborativa, tendo os jovens como protagonistas e condutores. Nesta primeira fase conseguimos construir as bases para a agência, com vistas a sua continuidade ao longo de 2015. Buscamos construir um espaço legítimo para a inserção

dos jovens na atividade jornalística, demonstrando o quanto ela pode contribuir para sua efetiva participação na sociedade. Esperamos que sucessivos grupos de jovens possam fazer parte desse projeto para replicar os conhecimentos e experiência, além de fomentar uma rede colaborativa de “jornalistas independentes” que possam construir a agência de maneira coesa porém descentralizada.

5. Referências

- Bahia, L. M. (2010). A rádio comunitária na construção da cidadania e da identidade. *Do MEB À WEB: O Rádio Na Educação*, 81–104.
- Bloch, M. L. B. (2002). *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Deuze, M. (2006). Participation, remediation, bricolage: Considering principal components of a digital culture. *Information Society*, 22, 63–75. <http://doi.org/10.1080/01972240600567170>
- Evangelista, R. & Soares, T. C. (2007). Jornalismo Livre: uma proposta para a incorporação da liberdade na prática jornalística. Disponível em http://www.dicas-l.com.br/zonadecombate/zonadecombate_20070514.php#.VQHZmmYnup0.
- Folha de São Paulo (2010). *Manual da Redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo.
- Kunczik, M. (1997). *Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação*. São Paulo: Editora USP.
- Manovich, L. (2001). *The language of new media*. Cambridge, MA: MIT.
- Marques de Melo, J. (1994). *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985 p.166.
- Melo, A., Brandão, A. T., Belisário, B., Paulino, M., & Aspahan, P. (2007). Descoberta, apropriação e reinvenção da TV. In R. P. Lima (Ed.), *Metodologia: O jogo e a reinvenção* (p. 69–). Belo Horizonte: Autêntica/Associação Imagem Comunitária.
- Pretto, N. D. L., Bonilla, M. H. S., Santana, F., Gonsalves, B., Paz, M. de S. D., & Mello, H. (2010). Soluções em software livre para rádio. *Do MEB À WEB: O Rádio Na Educação*, 151–174.
- Rudin, R. Ibbotson, T. (2008). *Introdução ao Jornalismo: técnicas essenciais e conhecimentos básicos*. São Paulo: Roca.